A IMAGINAÇÃO E A RESOLUÇÃO DOS CONFLITOS NO LIVRO **A BOLSA AMARELA**, DE LYGIA BOJUNGA[1]

Cristiane Passos Assimim [2]
Raquel Aparecida Dal Cortivo [3]

Resumo: O presente artigo busca analisar a imaginação na obra **A Bolsa Amarela**, de Lygia Bojunga, como transporte que leva o indivíduo do seu mundo real para o imaginário, tornando-se veículo para a realização do processo criativo, possibilitando ao indivíduo alcançar algo que parece ser impossível. Para o exame da forma como o processo imaginativo é incorporado à obra como elementos estruturadores, recorremos a pressupostos teóricos de Vygotsky (1988) e Bachelard (1988), articulando tais teorias com o campo específico da literatura infantojuvenil, a partir dos conhecimentos fundadores de Nelly Novaes Coelho (2009) e Regina Zilberman (2009). Além disso, guiamos nossas análises pelos princípios da análise literária do conto, inventariados por Cândida Vilares Gancho (2002). Com isso, pretende-se mostrar por meio deste trabalho a importância da imaginação presente na literatura infantojuvenil, como ela pode contribuir para a construção da personalidade do indivíduo, seja ele criança ou adolescente; como a literatura infantojuvenil contribui para o desenvolvimento da imaginação, de forma a oferecer ao indivíduo as melhores condições de compressão de seu mundo, seja pelo viés do maravilhoso ou pela própria realidade. Sabemos que pela imaginação a criança descobre que pode realizar todos os seus desejos irrealizáveis, pois busca nela o que gostaria que existisse em seu mundo, encontrando, assim, a solução para as questões mais fundas como parece acontecer com a protagonista narradora Raquel.

Palavra-chave: Imaginação, Literatura infanto-juvenil, criança e personalidade.

Abstract: This paper seeks to analyze the imagination presents in the book **The Yellow Bag**, by Lygia Bojunga, as a transport that takes the individual from his real world to a imaginary world, becoming a vehicle for the realization of the creative process, enabling the individual to achieve something that seems to be impossible. For examining how the imaginative process is incorporated into the book as structuring elements, we resort to the theoretical assumptions of Vygotsky (1988) and Bachelard (1988), articulating such theories with the specific field of children's and juvenile literature, from the founding knowledge of Nelly Novaes Coelho (2009) and Regina Zilberman (2009). In addition, we guide our analysis by the principles of literary analysis of the tale, inventoried by Cândida Vilares Gancho (2002). We intend to show through this work the importance of the imagination present in the children's literature, how it can contribute to the construction of the personality of the individual, be it child or adolescent; How children's literature contributes to the development of the imagination, so as to offer the individual the best conditions of compression of his world, whether by the bias of the marvelous or by the reality itself. We know that through imagination the child discovers that he can fulfill all his unrealizable desires, for he seeks in him what he would like to have existed in his world, thus finding the solution to the deeper issues as it seems to happen with the narrative protagonist Raquel.

Keywords: Imagination, children's and juvenile literature, child and personality.

---

[1] Artigo apresentado como requisito parcial para a conclusão do Curso de Graduação em Letras: Língua e Literatura Portuguesa e Língua e Literatura Inglesa, da Universidade Federal do Amazonas – UFAM/Instituto de Educação, Agricultura e Ambiente – IEAA/Humaitá – AM.
[2] Acadêmica Finalista
[3] Professora-orientadora

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por finalidade apresentar uma leitura a respeito da imaginação na construção da individualidade da protagonista da obra **A Bolsa Amarela,** de Lygia Bojunga.

A partir de uma pesquisa de cunho bibliográfico procuraremos mostrar como a imaginação criadora do personagem infantil transcende o mundo imaginário e através dela o indivíduo descobre a realidade que o cerca, com mais facilidade, podendo até mesmo compreender os conflitos psicológicos que o afetam. Assim, partimos do pressuposto de que a personagem transfigura e representa os conflitos internos vividos por crianças que não participam totalmente do convívio familiar, razão pela qual elas se sentem confusas. Desse modo surgem muitos desejos não realizáveis, e, para se chegar a uma solução a esses conflitos nasce a imaginação de forma criativa e fantasiada, com o intuito de amenizar os problemas. Ou seja, é uma ponte para ir em busca de resposta para suas dúvidas.

O artigo intitulado **A imaginação e a resolução dos conflitos** no livro **A Bolsa Amarela** de Lygia Bojunga visa apresentar como a autora coloca a imaginação criativa da personagem principal da obra, nos textos infantis. O livro **A bolsa amarela**, de Lygia Bojunga, apresenta como principal característica literária a fantasia e a realidade, por isso é de grande importância mostrar como a imaginação constrói a individualidade da personagem na obra.

Para tanto, metodologicamente, partiremos da leitura da obra, que se constitui nosso principal *corpus*, procederemos um levantamento bibliográfico a respeito da obra e da autora, uma análise de alguns aspectos que são relevantes para a produção deste artigo, como análise da personagem por suas ações e seus conflitos dentro da obra. Para identificar o processo da imaginação que aparece na obra, buscaremos definir e conceituar a imaginação a partir de alguns teóricos como Vygotsky, que aponta a imaginação como um processo psicológico que parte do real para o imaginário; e Bachelard, que contradiz tal entendimento e afirma que o processo imaginário vai ao real e não parte dele; e, no âmbito estrito da literatura infantojuvenil, Nelly Novaes Coelho, que afirma a necessidade de valorizar a intuição, pois ela será como uma abertura indispensável que leva para o conhecimento da verdadeira realidade dos homens e do mundo e que pode abrir um caminho para um novo conhecimento.

1. CONTEXTO HISTÓRICO, A AUTORA E A OBRA

Segundo Sarti (2004, p. 36), por volta da década de 1970, o Brasil estava vivendo um momento histórico de “contestação à ordem política” imposta pelo “golpe militar”. Nesse cenário de luta política, a participação da mulher ganha vulto, tornando-se a porta de entrada para o surgimento do movimento feminista. O movimento feminista foi um dos fenômenos que iniciou a emancipação feminina no âmbito dos problemas sociais, culturais e políticos. Nessa época, a mulher enfrentava vários conflitos familiares, sociais, religioso, entre outros. De acordo com os costumes tradicionais, o homem, por ser o chefe da família, mandava e ordenava como as mulheres, tanto esposa quanto filha, deveriam se comportar no convívio social.

Diziam os antigos que a mulher era o sexo frágil. Por isso, ela não poderia ser chefe de família. Contudo, devia obediência aos homens. Desse modo, o papel do homem e da mulher já estava demarcado na sociedade, a partir do nascimento da criança mulher, ela já teria a missão de obediência ao chefe do lar. Conforme Beauvoir (1980, p. 75), “É o aparecimento da família patriarcal baseada na propriedade privada. Nessa família a mulher é oprimida”.

Logo, ao homem cabia determinar o que a mulher devia fazer ou como ela deveria se comportar perante a sociedade. Contudo, à mulher restavam os cuidados da casa, dos filhos e do marido, não podendo se comprometer com política ou outros assuntos que pertenciam ao chefe da casa. Em outras palavras, o espaço do homem é a sociedade, a rua, e da mulher, o lar. Em vista do que foi mencionado, tal imposição gera descontentamento e as mulheres passam a reivindicar maior participação social, desde ao acesso às escolas e ao voto até o direito ao trabalho remunerado e, principalmente, fora de sua casa.

A partir da década de 1960 o pensamento feminista se desenvolve atrelado às reivindicações, tais como os direitos das mulheres na sociedade. Conforme destaca Sarti (2004, p. 36-38), o movimento feminista ganha força no cenário internacional e, a partir dos anos de 1970, surge no Brasil. O ano de 1975 foi declarado pela ONU (Organização das Nações Unidas) o Ano Internacional da Mulher. Essa visibilidade favoreceu a discussão das condições da mulher no cenário internacional e, em específico, no cenário nacional, tais discussões se deram vinculadas às lutas políticas, a partir da experiência de resistência. O feminismo propõe uma discussão em torno da hierarquia de gênero, uma nova maneira de tratar a mulher, a fim de conquistar a autonomia de pensamento e assegurar a liberdade.

Nesse contexto agitado por lutas em diversas frentes surge a obra da escritora gaúcha Lygia Bojunga Nunes[4] que publica seu primeiro livro no ano de 1972 - **Os colegas**. São comuns na literatura de Lygia Bojunga a fantasia e a realidade que dão às questões sociais mais tensas um tom repleto de lirismo e humor como acontece nas obras **Angélica** (1975), **A Bolsa Amarela** (1976), **A casa da madrinha** (1978) e o **Sofá Estampado** (1980), entre outras obras. A autora recebeu importantes prêmios, dos quais destacamos o Prêmio Hans Christian Andersen (1982), pois foi a primeira autora fora do eixo Estados Unidos-Europa a recebê-lo, segundo a **Enciclopédia Itaú Cultural** (2017, *on-line*).

Já que sua obra surge no contexto atribulado dos anos de 1970, a autora transfigura para o plano literário algumas importantes questões como a contestação feminina na obra que constitui o corpus de nosso trabalho – **A Bolsa Amarela**. Esta obra dá destaque à figura feminina e suas reivindicações, atribuindo o protagonismo da narrativa à personagem-narradora Raquel, caracterizada como garota esperta, questionadora e cheia de dúvidas. A autora mostra através dessa personagem o período de transformação de valores, no qual, os costumes tradicionais estavam sendo questionados pela luta feminista por direitos de igualdade e liberdade.

Ser questionadora ainda é o melhor caminho para se chegar a uma solução ao impasse social da discriminação de gênero. Em vista do argumento apresentado, a literatura tem se tornado um mecanismo gigante para transformar essa situação, pois através dela descobrimos o mundo obscuro de sofrimento e preconceito contra a mulher. Além disso, ao vincular novas possibilidades de representação do feminino, a literatura atua na transformação das mentalidades. Conforme Novaes Coelho (2009, p. 15), "A literatura, e em especial a infantil, tem uma tarefa fundamental a cumprir nesta sociedade em transformação: a de servir como agente de formação, seja no espontâneo convívio leitor/livro, seja no diálogo leitor/texto estimulado pela escola".

Assim, o surgimento de personagens que desestabilizam o modo de como se vê as relações interpessoais ecoa na percepção do leitor em formação, ou seja, da criança, considerada por Nelly Novaes Coelho "a nova mentalidade futura [...] conceitos e padrões de pensamento ou de comportamento que se defrontam, hoje, no caos de nossa civilização em mudança" (COELHO, 2009, p. 19).

---

[4] A escritora brasileira de literatura infantil e juvenil, internacionalmente reconhecida e premiada, nasceu no dia 26 de agosto de 1932 em Pelotas no Rio Grande do Sul; aos oito anos de idade se mudou com a família para o Rio de Janeiro. Em 1951 entrou para a companhia de teatro Os Artistas Unidos, que se apresentou pelo interior e participou de programas de televisão.

Nesse contexto histórico em transformação, inscreve-se a obra **A bolsa amarela**, a terceira publicada por Lygia Bojunga, que dentre outros prêmios, recebeu o selo de ouro da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil e o já mencionado Prêmio Hans Christian Andersen (1982). Esta obra, desde sua primeira edição em 1976, tornou-se um sucesso, tendo sido reeditada muitas vezes. Em 2008, foi publicada sua 34ª edição pela editora da autora, a Casa Lygia Bojunga.

Há também inúmeros estudos a respeito da obra, sob as mais diversas perspectivas. Em nossa abordagem, pretendemos enfocar a forma como a imaginação da protagonista atua na percepção da realidade e em sua elaboração. Portanto, lançamos nosso olhar a fim de elucidar como a construção da individualidade da personagem Raquel se articula com a imaginação criadora.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

O dicionário define o sentido geral de "imaginação" como a faculdade de representar objetos pelo pensamento. Nessa linha de raciocínio, podemos dizer que ter uma imaginação viva pode ser um ato de inventar ou criar. Geralmente esse tipo de representação pelo pensamento acontece muito na infância, quando a criança começa a participar dos acontecimentos ao seu redor e, principalmente, quando começa a brincar. Em vista disso, é por meio da brincadeira que a criança desenvolve suas capacidades intelectuais, pois manifesta durante as brincadeiras suas aptidões de pensar, imaginar e criar novas situações a partir das coisas que ela vê em seu mundo, seja ele real ou ilusório.

A respeito dos aspectos mencionados acima, Vygotsky (1988) afirma que:

> [...] a criança em idade pré-escolar envolve-se num mundo ilusório e imaginário onde os desejos não realizáveis podem ser realizados, e esse mundo é o que chamamos de brinquedo. A imaginação é um processo psicológico novo para a criança; representa uma forma especificamente humana de atividade consciente, não está presente na consciência de crianças muito pequenas e está totalmente ausente em animais (VYGOTSKY, 1988, p. 62).

Desse modo, podemos compreender que a criança encontra na imaginação uma forma de ultrapassar as limitações aos desejos, realizando-os através dessa atividade. Conforme elucida Ana Virgínia Souza (2011, p. 3), a criança "pode alcançar o impossível para chegar onde ela quer, pois a imaginação é uma forma de interação com o real. A criança interage com

os objetos da realidade para fantasiar seu novo mundo, ou seja, a criança precisa da imagem do real para criar o imaginário".

Em virtude do que foi mencionado, é necessário que exista um mundo real, para que haja um mundo imaginário. Em outras palavras, se não houvesse as coisas reais, não haveria possibilidade do indivíduo imaginar ou criar algo sem antes partir da realidade. Com isso, a imaginação tem mais sentido, pois se torna uma ponte para encontrar a saída de um mundo principalmente quando esse é triste e conflituoso para um mundo melhor cheio de fantasias, onde tudo é mais fácil e extraordinário.

Por outro lado, encontramos concepções teóricas que vão de encontro com essa ideia de que a imaginação nasce e se alimenta da realidade. Meire Luci Bernardes Silva Machado e Sueli Teresinha de Abreu-Bernardes (1996, p. 14), em estudo a respeito do conceito de imaginação na obra de Gaston Bachelard, afirmam que, para ele, "a imaginação poética nos faz criar aquilo que vemos: com isso podemos dizer que a imagem vai ao real e não parte dele". Ou seja, para Bachelard, o movimento da imaginação é contrário ao que sugere Vygotsky.

Na obra **A poética do devaneio**, Bachelard ressalta que as imagens da infância permanecem para toda a vida, pois: "Uma infância potencial habita em nós. Quando vamos reencontrá-la nos nossos devaneios, mais ainda que na sua realidade, nós a revivemos em suas possibilidades. Sonhamos tudo o que ela poderia ter sido, sonhamos no limite da história [...]" (BACHELARD, 1988, p. 95). Desse modo, mesmo quando adulto, o indivíduo ainda carrega um pouco de sua infância e de sua imaginação.

Tendo em vista o que foi mencionado, a mente se encarrega de trazer lembranças de experiência vividas, de como imaginava ser o mundo, ou melhor, as coisas. Hoje, sabemos que muitos fatos não condizem com o que imaginamos no passado, mesmo assim continuamos imaginando outros mundos.

Assim como Bachelard, Regina Zilberman (2009, p. 151) entende que "imaginar está na raiz do processo poético [...] É uma tarefa espinhosa especialmente no âmbito da poesia infantil, em que os estágios de percepção, compreensão e interpretação estão em constante movimento". Portanto, como muitos autores afirmam, há uma correspondência entre a literatura e os processos imaginativos, seja na origem dos textos, seja na recepção dos mesmos, pelo que podem fornecer de matéria para o pensamento criativo. Assim, a imaginação da criança leitora tende a ser mais elevada, pois os textos produzidos para o público infantojuvenil possibilitam o desenvolvimento da mente criativa da criança.

Entramos, desse modo, no campo da literatura infantojuvenil que, como sabemos, nem sempre teve o prestígio e os mesmos objetivos que tem na contemporaneidade. Segundo Novaes

Coelho (2009, p. 23 e 24), na origem dos textos voltados à criança, estava uma concepção de infância para qual "a criança era vista como um 'adulto em miniatura'", pois a infância deveria ser acelerada e encurtada o máximo possível e, para isso, a educação era baseada em "punições", ou seja, através das disciplinas punitivas e os textos apresentavam sempre uma exemplaridade ou moral da história. Já na contemporaneidade, a criança é um "ser em formação" e precisa de "liberdade" e "orientação" para desenvolver sua potencialidade.

Assim, a criança em formação precisa de apoio dos adultos para seu desenvolvimento, tanto intelectual, quanto psicológico e a leitura passou a ser vista como um complemento indispensável para esse desenvolvimento. Portanto, na contemporaneidade os textos voltados à infância diversificaram-se. Porém, Nelly Novaes Coelho acrescenta que "A literatura infantil é, antes de tudo, literatura; ou melhor, é arte: fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra. Funde os sonhos e a vida prática, o imaginário e o real, os ideais e sua possível/impossível realização" (2009, p. 27).

O papel da imaginação segundo Novaes Coelho (2009, p. 26), tem como fator importante, "a valorização da intuição como abertura indispensável ao conhecimento da verdadeira realidade dos homens e do mundo [...] A intuição, [...] abre campo para um novo conhecimento. Daí o atual renascimento da fantasia, do imaginário, da magia, do ocultismo". Portanto, a imaginação não se dá sem valorizar a intuição, ou seja, o ato de induzir algo fora da realidade das pessoas. Para transformar o real em fantasia é necessário criar um mundo imaginário, no qual tudo é magia, fabuloso, maravilhoso, diferenciando o mundo real conturbado de conflitos.

A sociedade está em constante transformação e as imagens de mundo transfiguram essas mudanças. Assim, a literatura em geral e, em específico, a infantojuvenil transformam-se em, de acordo com Nelly Novaes Coelho (2009, p. 15), veículo para o que denomina de "abertura para a formação de uma nova mentalidade", nas palavras da autora: "É ao livro, à palavra escrita, que atribuímos a maior responsabilidade na formação da consciência de mundo das crianças e dos jovens".

Por isso, a literatura infantil é de suma importância para a transformação e desenvolvimento de qualquer indivíduo, seja criança, jovem ou adulto, pois, segundo a mesma linha de raciocínio da autora, a nova consciência de mundo entende que "o processo de aprendizagem do ser humano é contínuo e se faz ao longo de toda sua vida" (COELHO, 2009, p. 18). Portando, entende-se que o melhor momento para fluir a imaginação é, justamente, na infância, já que na fase adulta o indivíduo não tem o mesmo grau de imaginação.

3. Imaginação: tudo o que vai na bolsa amarela

O livro **A bolsa amarela**, de Lygia Bojunga, em muitos aspectos insere-se na nova literatura infantojuvenil, pois dá voz à criança que assume o papel de narradora, caracteriza-se como uma personagem questionadora, desfazendo, com isso, o autoritarismo típico das clássicas histórias infantis.

Além disso, outro traço que podemos perceber no livro é a presença do fantástico, assim definido por Nelly Novaes Coelho: "na literatura para crianças ou adultos, o mágico e o absurdo irrompem na rotina cotidiana e fazem desaparecer os limites entre o real e imaginário" (2009, p. 26).

Propomos uma análise dos elementos da narrativa que a nosso ver possibilitam a investigação da inserção do processo imaginativo na obra, examinando, sobretudo, a construção do enredo e da personagem narradora.

3.1 Enredo

A trama do livro **A bolsa amarela** desenvolve-se a partir da apresentação do motivo central de toda a narrativa: as vontades da personagem Raquel. Essas vontades apontam para os conflitos vividos pela personagem já no primeiro parágrafo:

> Eu tenho que achar um lugar pra esconder as minhas vontades. Não digo vontade magra, pequenininha, que nem tomar sorvete a toda hora, dar sumiço da aula de matemática, comprar um sapato novo que eu não aguento mais o meu. Vontade assim todo mundo pode ver, não tô ligando a mínima. Mas as outras – as três que de repente vão crescendo e engordando toda a vida – ah, essas eu não quero mais mostrar. De jeito nenhum.
> Nem sei qual das três me enrola mais. Às vezes acho que é a vontade de crescer de uma vez e deixar de ser criança. Outra hora acho que é a vontade de ter nascido garoto em vez de menina. Mas hoje tô achando que é a vontade de escrever.
> Já fiz tudo pra me livrar delas. Adiantou? (BOJUNGA, 1999, p. 11).

A observação do excerto acima nos indica que, na percepção de Nelly Novaes Coelho, as vontades de Raquel resultam de uma das três principais necessidades básicas do ser humano, ou seja, na vontade de poder (1993, p. 103), pois, desde o início da narrativa, percebe-se que a personagem, tem vontade de ser "grande", ser "menino" e ser "escritora".

Queria ser grande para dar ordens também e não ser mandada pelos outros; queria ser menino para brincar as brincadeiras de menino, já que era proibido menina jogar bola e empinar

pipa; e queria ser escritora para relatar os fatos que aconteciam em sua casa, como por exemplo, contar a própria vida e suas aventuras, ou seja, desabafar através da escrita.

A “bolsa amarela” surge na vida de Raquel num momento em que a Tia Brunilda manda várias coisas para sua família e todos escolhem o que mais lhe interessa. Por causa disso, a bolsa foi um achado para Raquel, pois encontrou nela o lugar perfeito para guardar suas vontades que não “eram nada magras” (BOJUNGA, 1999, p. 11).

A relação conflitante da personagem com as vontades, sugerida na necessidade de escondê-las, desencadeou o processo imaginativo. Daí começaram a surgir amigos imaginários. A vontade de escrever provocou a invenção de personagens como André e Lorelai, estes que trocavam cartas com Raquel; temos também o galo Rei, protagonista do romance escrito pela menina.

Os conflitos podem ser compreendidos por meio da representação alegórica dos personagens surgidos a partir da imaginação da própria menina. Razão pela qual a narrativa que se constrói em torno dessas personagens se torna essencial; cada uma representará, por sua vez, conflitos que, ao serem resolvidos, restituem algum equilíbrio à narradora-protagonista.

Em vista dos fatos acima, surge, no primeiro romance inventado, o galo chamado “Rei”, este que foge do galinheiro e resolve lutar pelas próprias ideias. Ele se esconde na bolsa amarela e troca seu nome para “Afonso”. Um grande conflito vivido pelo galo estava relacionado a uma grande vontade: voar, mas o medo era maior.

Foi em busca de uma ideia que Afonso encontrou “a guarda-chuva mulher”, que estava “enguiçada”, tinha dificuldade de crescer e contar a própria história, pois foi feita para diminuir e crescer conforme sua vontade. Ao consertar a Guarda-chuva, ela “desenguiça” e ficamos sabendo que ela não queria ser apenas “bonitinha”, queria “servir” para alguma coisa, razão de sua felicidade ao perceber que estava recuperada.

O Alfinete era outro habitante da bolsa amarela, sua história era “curtinha”; seu grande conflito era o sentimento de inutilidade, pois ele era insignificante e não era notado.

No enredo intrincado dessas narrativas, a cena do almoço na casa de tia Brunilda torna-se importante, pois é o momento mais tenso para a narradora. Constitui-se, portanto, como o clímax da narrativa: na casa da tia Brunilda, todos queriam saber o que havia dentro da bolsa amarela, porém não era desejo de Raquel revelar suas vontades e seus amigos que lá moravam.

Contudo, podemos perceber que o leitor fica, juntamente com a narradora, tenso na expectativa da revelação dos segredos da menina. Na confusão, Raquel não percebeu que suas vontades cresciam e iam engordando até estourarem como um balão. A partir dos eventos ocorridos nesse espaço, todos os demais conflitos encaminham-se para a resolução. Assim, o

alfinete descobre que tem uma função, a de espetar as vontades de Raquel quando elas engordam, pois foi ele quem a salvou da situação complicada, como revela, mais tarde, à menina:

> [...] – Espetei tuas vontades com toda força. Pra ver se elas estouravam que nem balão. E elas estouraram mesmo. Mas puxa, vou te contar! Como elas são duras, hem? Tive que fazer tanta força pra espetar as duas que acabei entortando todo. Me desentorta?" (BOJUNGA, 1999, p. 72).

O galo Afonso, por sua vez, acha uma ideia pela qual lutar e conta para Raquel seus planos, "–Vou sair pelo mundo lutando pra não deixarem costurar o pensamento de ninguém. [...] ia aqui, ia ali, ia fazer, ia acontecer, ia atravessar o mar, ia achar o Terrível e não sei que mais." (BOJUNGA, 1999, p. 94).

A guarda-chuva, após perceber que estava recuperada, lembrou que tinha o sonho de ser "pára-quedas", logo quis sair de dentro da bolsa amarela e se jogar da janela para saltar, já havia esquecido que foi nessa tentativa que tinha quebrado suas costelas.

Certa noite, Raquel sonhou que estava na praia soltando pipa. Quando acordou falou para Afonso e lembrou o que diziam a respeito de menina soltar pipa, pois "era coisa de garoto" (BONJUGA, 1999, p. 110), identificando a origem de sua vontade de ter nascido menino ("Falaram que tanta coisa era coisa só de garoto que eu acabei até pensando que o jeito era nascer garoto", Bojunga, 1999, p. 110) e a solução do conflito ("Mas agora eu sei que o jeito é outro", Bojunga, 1999, p. 110), e convidou Afonso e a Guarda-chuva que foi falando engasgado até chegar na praia:

> – [...] Cadê as pipas?
> Abri a bolsa amarela e tirei minha vontade de ser garoto e minha vontade de ser grande. Elas tinham emagrecido tanto que pareciam até papel.
> – [...] Você não vai mais esconder as vontades dentro da bolsa amarela?
> – Não. Elas viram que eu tava perdendo a vontade delas, então perguntaram se podiam ir embora. Eu falei que sim. Elas quiseram saber se podiam ir que nem pipa e eu disse: "claro, ué".
> – E a tua vontade de escrever?
> – Ah, essa eu não vou soltar.
> (BOJUNGA, 1999, p, 113)

O desfecho, portanto, coincide com a solução dos conflitos da narradora, representados pelo voo e o desparecimento de Afonso, da Guarda-chuva e das vontades de ser menino e, também, de crescer. Depois que todos foram embora, a menina viu somente o Alfinete de Fralda

e ele escreveu na mão dela que queria ficar, pois já estava acostumado morar na “bolsa amarela”, então, ela o deixou ficar e sentiu que a bolsa estava leve como ela própria.

3.2 Personagens e narrador

Segundo Gancho (2002, p. 14), “personagem é um ser fictício que é responsável pelo desempenho do enredo; em outras palavras, é quem faz a ação”. Os personagens que compõem a narrativa de **A bolsa amarela** podem ser agrupados em dois blocos: há aqueles que fazem parte do mundo exterior da narradora com os quais ela interage, pessoas como: a mãe, as irmãs, o irmão, o pai, a tia Brunilda e o primo Alberto. Há também outros seres, que fazem parte de um grupo distinto; estes compõem as histórias inventadas da personagem Raquel: Afonso, Terrível, Alfinete de Fralda, Guarda-Chuva mulher, André, Lorelai e sua família.

Esses dois grupos de personagens misturam-se ao longo de toda a narrativa, tornando a fronteira entre realidade e imaginário muito sutil. O primeiro grupo é composto por personagens reais e o segundo grupo é composto por personagens inventados e alegóricos criados da própria imaginação da menina, que passam a interagir com ela. São eles, como ficou demonstrado na análise do enredo, que impulsionam as ações da narrativa.

André e Lorelai são personagens humanas inventadas e servem como meio para Raquel contar sua vida e o que se passava na casa dela por meio de cartas:

> Prezado André
> Ando querendo bater papo. Mas ninguém tá a fim.
> Eles dizem que não tem tempo. Mas ficam vendo televisão. Queria te contar minha vida. Dá pé?
> Um abraço da Raquel. (NUNES, 1999, p. 12).

> Lorelai:
> Era tão bom quando eu morava lá na roça. A casa tinha um quintal com milhões de coisas, tinha até galinheiro. Eu conversava com tudo quanto era galinha, cachorro, gato, lagartixa, eu conversava com tanta gente que você nem imagina, Lorelai. (NUNES, 1999, p. 18).

A revelação de que se tratam de personagens inventados se dá com a descoberta dos irmãos de Raquel:

> Eu estava tão ligada na carta do André que nem tinha visto meu irmão atrás de mim lendo também. Ele me arrancou a carta:
> – Quem é o André? [...]
> – Ele é teu namorado? É aluno lá da escola?

> – Que que há? Tô dizendo que ele é inventado. Invento onde é que ele vai escrever, invento o que é que ele vai dizer, invento tudo. Meu irmão fez cara de gozação [...]
> Passei uns tempos sem escrever carta nenhuma. Mas um dia eu não tinha nada pra fazer e pensei: "ah, também que que há? Fui no meu esconderijo de nomes, peguei um nome que eu adoro, inventei uma amiga para ele, e comecei a escrever para ela [...]
> Foi aí que a minha irmã cismou de fazer arrumação no armário e achou as cartas atrás da gaveta. Armou um barulho daqueles! "Quem é essa tal de Lorelai que quer te ajudar a fugir de casa?" comecei a explicar que ela era inventada, que a viagem era inventada, [...]" (NUNES, 1999, p. 16-19).

O conflito entre Raquel e os irmãos fica evidente nesses trechos que justificam o sentimento de inadequação da menina na família.

Quanto aos demais personagens da narrativa, inventados pela menina, podemos perceber que são animais (Afonso e Terrível – dois galos) e objetos (Guarda-chuva e Alfinete de Fralda).

O personagem "Afonso" era o mesmo galo "Rei" do romance interrompido no início da narrativa. Este que se torna o amigo fictício de Raquel, com quem conversava muito e falava a respeito do galinheiro. Afonso dizia que não queria mais mandar nas galinhas de seu galinheiro, pois estava cansado de dar ordens, ou melhor, queria ser livre e não ter que mandar mais em ninguém. Por isso, decidiu fugir e se esconder na "bolsa amarela", esta era um ótimo esconderijo, porque nela ninguém iria encontrá-lo.

É importante dizer que, depois de um tempo escondido na bolsa de Raquel, a narradora nos apresenta a história do "Alfinete de Fralda", que havia encontrado jogado na rua. A menina o pegou, limpou, desenferrujou, e, em seguida, testou a ponta dele no seu dedo; e percebeu que a ponta esteve sempre bem afiada.

> E ela começou a riscar na minha mão tudo o que o Alfinete queria dizer.
> – Me guarda? Já não consigo mais viver aqui jogado: passa gente em cima de mim; chove, fico todo molhado, pego cada ferrugem medonha; e cada vez que varrem a rua eu esfrio: [...] eu risco na calçada um anúncio de mim dizendo que eu sirvo sim; mas nunca acontece nada. Me guarda? (BOJUNGA, 1999, p. 43-44).

A partir do que foi mencionado, o personagem "Alfinete" passou a morar no bolso do uniforme de Raquel, pois a mesma ainda não possuía a bolsa amarela, e, somente depois, Alfinete passa a morar no bolso bebê da bolsa amarela. É significativo na obra que o Alfinete "risque" a mão da menina para falar de si, revelar sua pequena história e seu sentimento de abandono e inutilidade.

Outro personagem que deve ser mencionado é a “Guarda-chuva mulher”, esta foi encontrada por “Afonso”, quando ele foi buscar uma ideia. Porém, não encontrando a “ideia”, achou um guarda-chuva que deu de presente para Raquel. Já fazia um tempo que a menina queria um ganhar um guarda-chuva, mas ninguém ligava para os desejos dela, e, ao receber o que queria de Afonso, ficou muito feliz.

Logo, Raquel quis saber a história do guarda-chuva. Então, Afonso começou a contar que, quando o “guarda-chuva” foi fabricado, o fabricante perguntou se ele queria ser “homem ou mulher” e ele respondeu: “mulher”. Assim foi que passou a ser “a Guarda-chuva mulher”. Logo, foi feita no estilo feminino, com a cor de “rosa”, com “curvas”, “correntinha” e menor que o “guarda-chuva homem”.

Além disso, o criador da Guarda-chuva perguntou se ela queria ser pequena para sempre e ela disse “sim”, mas o fabricante entusiasmado perguntou novamente para ela “e se mais tarde você cismar de crescer?” (BOJUNGA, 1999, p. 49), a Guarda-chuva pensou e disse que queria ser pequena, porém que ele colocasse nela o “jeito” de ser “grande”. A partir daí, ela foi feita para crescer e diminuir conforme sua vontade, era apenas esticar o cabo.

Terrível é outro personagem “galo” que surge logo após o aparecimento da Guarda-chuva, enquanto Raquel ainda se distraía com seu presente. Afonso avistou seu primo Terrível e convidou a menina para ir falar com ele. Foi quando Afonso percebeu que a menina não lembrava de seu primo e perguntou:

> – Você lembra de uma galinha gorda, toda branca, que morava lá no galinheiro?
> – Sei.
> – O Terrível é filho dela.
> – Ele se chama mesmo Terrível?
> – Chama.
> – Que nome.
> – É que ele é galo de briga.
> – Ah é?
> – Na primeira vez que eu fugi, eu fui correndo ver o Terrível lutar. Ele era mesmo terrível, ganhava tudo quanto era briga (BOJUNGA, 1999, p. 53).

Quanto à protagonista da narrativa, que também exerce o papel de narradora, caracteriza-se como uma garota esperta, mas confusa, devido às três vontades que nutria. Essas “vontades” fazem com que a personagem fique ainda mais confusa, pois pareciam crescer com tudo que acontecia no seio de sua família.

Sabemos mais a respeito da narradora-protagonista pelas interações com as personagens imaginárias, como foi mencionado: ela não tinha a atenção dos pais nem dos irmãos mais velhos, ficava com os "restos", as sobras dos adultos:

> Meu irmão chegou em casa com um embrulhão. Gritou da porta:
> – Pacote da tia Brunilda! [...]
> Eu parei de fazer o dever e fiquei espiando. Vi aparecer uma bolsa; todo mundo pegou, examinou, achou feia e deixou pra lá. Antes quando chegavam os pacotes da tia Brunilda e não sobrava nada pra mim eu ficava numa chateação daquelas. E se eu pedia qualquer coisa o pessoal falava logo:
> – Ora Raquel, a tia Brunilda só manda roupa de gente grande, não serve pra você. [...]
> E nunca fiquei com nada. Num instantinho sumiam com tudo, e usavam, usavam até pifar. Aí no dia que a roupa pifava, a gente ajeitava daqui e dali e a roupa ficava pra mim. Eu não dizia nada. Até que um dia não resisti e perguntei:
> – Quer dizer que quando a roupa pifa, pifa também a tal cara de roupa de gente grande? (BOJUNGA, 1999, p. 25-26)

Raquel é também uma personagem questionadora que tenta compreender tanto a dinâmica familiar na qual está inserida quanto seus conflitos. Em passagens como o excerto acima, percebemos a origem das vontades da narradora que eram um meio de chamar a atenção de alguma forma e, mais do que isso, resolver conflitos internos, próprios da sua idade.

Como afirma Novaes Coelho (2009, p. 20 e 24), a "obediência aos valores tradicionais" eram prioridade da sociedade. Na sociedade patriarcal, a criança não tinha liberdade para opinar nem para entender os problemas dos adultos. O pai determinava se a criança podia ou não participar das conversas dos mais velhos. Isso indica que criança nesse período não podia compartilhar suas ideias com os adultos. Como afirma, Novaes Coelho (2009, p, 21) "[...] Quanto à família: a autoridade suprema e decisória é exercida pelo homem, enquanto a responsabilidade pelo comportamento dos filhos ou pelo funcionamento ideal da família e do lar é atribuída à mulher".

Esse sistema autoritário entra em conflito com uma nova consciência dos valores sociais que prega o "repúdio" ao autoritarismo, abrindo caminho aos questionamentos, o que condiz com a protagonista.

Como foi mencionado anteriormente, a obra **A bolsa Amarela** é narrada pela personagem principal, Raquel. Portanto, o foco narrativo se dá em primeira pessoa: "Eu tenho que achar um lugar para esconder minhas vontades" (NUNES, 1999, p. 11).

Para Nelly Novaes Coelho, (2009, p. 153), a voz que narra está sempre atenta ao leitor ou destinatário, com o intuito de fazê-lo compreender a mensagem. Percebemos isso, na

linguagem utilizada por Raquel, uma linguagem simples e de fácil entendimento, comum à linguagem do dia-a-dia das pessoas no convívio familiar ou com os amigos:

> [...] Tô sobrando André. Já nasci sobrando. É ou não é? Um dia perguntei pra elas: "Porque é que a mamãe não tinha mais condição de ter filho?" Elas falaram que a minha mãe trabalhava demais, já tava cansada, e que também a gente não tinha dinheiro pra educar três filhos, quanto mais quatro [...]. (BOJUNGA, 1999, p. 13).

Vimos no trecho acima que se trata de uma linguagem informal e que é muito utilizada para mostrar uma língua falada, ou seja, muito comum em textos pessoais como cartas e bilhetes. Percebemos que a obra em si relata um fato contado pela própria personagem, por isso é usada, como recurso narrativo, representação da fala natural da menina. Nos dias de hoje, essa linguagem é bastante presente no convívio das famílias modernas ou em roda de amigos. Ao ler um texto com esse tipo de linguagem percebemos que a narrativa torna-se mais ágil, pois se vale de formas contraída das palavras "pra" no lugar de "para" e/ou "tô" em vez de "estou" e assim por diante.

7.1 A imaginação e a personagem

Na obra **A Bolsa Amarela,** o grande conflito que afeta a personagem Raquel está relacionado às suas três vontades (ser adulta, menino e escritora). Como vimos anteriormente, essas vontades "engordavam" a cada vez que a menina queria ser ouvida por alguém na sua casa, coisa que era impossível para ela, pois nem seus irmãos nem seus pais lhe davam a atenção requerida. Raquel, por ser uma garota muito esperta e inteligente, passou a ter inúmeras imaginações, e surgiram vários personagens que podiam lhe ouvir, conversar e até brincar.

Raquel escreveu sua primeira carta, como "escritora de mentirinha", para o personagem "André". Este foi seu primeiro amigo imaginário: "Prezado André. Ando querendo bater papo. Mas ninguém tá afim. Eles dizem que não têm tempo. Mas ficam vendo televisão. Queria te contar minha vida. Dá pé? Um abraço da Raquel" (BOJUNGA, 1999, p. 12). Depois surgiu outra amiga imaginária, chamada Lorelai, pois com o amigo homem não deu muito certo, então começou contar sua vida para a nova amiga:

> Lorelai: Era tão bom quando eu morava lá na roça. A casa tinha um quintal com milhões de coisas, tinha até galinheiro. Eu conversava com tudo quanto era galinha, cachorro, gato, lagartixa, eu conversava com tanta gente que você nem imagina, Lorelai. [...] Agora tá tudo diferente: eles vivem de cara fechada,

> brigam à toa, discutem por qualquer coisa [...] Outro dia perguntei: o que é que tá acontecendo que toda hora tem briga? Sabe o que eles falaram? Que não era assunto pra criança. [...] Será que você acha um jeito pra mim? Um beijo da Raquel. (BOJUNGA, 1999, p. 18).

A passagem acima nos mostra o quanto a imaginação de Raquel era criativa. Percebemos, quando Raquel dialogava por meio de carta, contando a Lorelai o quão difícil era lidar com a sua família, por não poder participar de assunto dos adultos, o poder inventivo da menina que preenche o sentimento de solidão da personagem. Além disso, a personagem elabora a forma como lida com a realidade a partir do diálogo imaginário com a amiga inventada. Com isso, podemos perceber que a realidade da menina era de uma carência de atenção, de ter voz também dentro de sua casa, pois vendo que não era notada criou amigos imaginários a partir da ideia que já tinha dos seres que habitavam seu quintal e deu voz a todos como se fossem pessoas, já que animais não falam; ela mesma se sentia como eles, sem voz.

Notamos na fala do trecho a cima que a menina precisou dos objetos reais para fluir sua imaginação, concordando com (Vygotsky, 1988), já citado no referencial teórico, quando diz que a imaginação parte sempre do real, ou seja, as criações de Raquel saíram da imagem dos seres reais que ela conhecia enquanto estava na roça e de sua própria experiência, essa bagagem de conhecimento a ajudou no processo de sua imaginação. Pois foi a partir daí que surgiram os galos “Rei/Afonso e o Terrível”.

No que se refere à escrita de Bojunga, podemos perceber que a autora mostra, por meio de Raquel, a forma que a menina tenta resolver seus conflitos. Vale ressaltar que alguns personagens infantis encaram esses tipos de conflitos buscando na imaginação a magia e o encanto, a partir das coisas reais que elas já conhecem. Percebemos que Raquel sempre usou a imaginação para tudo, para escrever, criar personagens e até resolver o dilema das suas “vontades”. Com isso, percebemos que a protagonista da narrativa vai se utilizar da imaginação e sua criatividade para viver em um mundo de aventuras, mágico, cheio de fantasia diferente do mundo real e conflituoso que enfrentava na sua casa.

Continuando com o dizer de Vygotsky (1988), a criança, ainda em início de escolaridade, acaba envolvendo-se num mundo de ilusão e de imaginação, onde seus desejos que não são realizáveis poderiam ser realizados, ou seja, por causa disso, esse processo torna-se um brinquedo. Esse processo parece ser representado na obra analisada a partir da imaginação da personagem, uma vez que por meio da dramatização se dá a resolução dos conflitos. Por isso, ela passou a inventar coisas, como um romance, em que cria personagens que no decorrer da narrativa irão se tornar seus amigos.

Podemos ainda transpor para o contexto ficcional o fato de que as crianças passam por um período em que surge a necessidade de participar de forma significativa do seio familiar, de tudo que acontece, dos problemas entre outras situações. A dificuldade da protagonista parece ser também desta natureza, pois, ao não se sentir ouvida e integrada à família, desenvolve conflitos psicológicos devido às dificuldade de conviver no universo dos adultos. Sendo a única criança da família, Raquel queria entender o porquê das proibições, já que, ao seu ver, os adultos tudo podem.

Notamos através da leitura da obra **A Bolsa Amarela**, de forma alegórica, o desenvolvimento da imaginação e a capacidade da aprendizagem de uma criança. Vimos que Raquel estava sempre em conflitos com sua família, pois ninguém interagia com ela, zombavam de suas invenções, seus irmãos viviam fazendo-a levar bronca dos pais e tratavam-na como uma "criancinha" que não compreende a língua dos adultos.

É possível perceber que, a imaginação de Raquel era tão inovadora que foi através dos personagens, criados por ela, que passou a entender o que realmente acontecia com ela e suas vontades, já que ela era menina e não podia fazer as coisas que meninos faziam. Essa confusão de vontades se tornavam conflitos constantes na vida dela, por isso, ela precisava desabafar com alguém, então foi necessário usar sua imaginação para ir além e encontrar respostas para suas perguntas e talvez chegar a uma solução para compreender suas vontades. É importante destacar que, cada personagem inventado por Raquel tem um significado importante para suas dúvidas a respeito do que ela queria ser.

Afonso representava a enorme vontade de ser garoto, pois para ela somente menino podia jogar bola e empinar pipa, era o que havia aprendido na dinâmica familiar. Além disso, Afonso pode representar o questionamento das relações de gênero, no qual o homem exercia sobre a mulher o papel de mandar. E a mulher por sua vez era submissa às ordens dadas por eles. Assim, ao se recusar a ser o Rei do galinheiro, Afonso problematiza esses "papéis" fixos do masculino e do feminino. Esta problematização parece ser a essência da vontade de ser menino da protagonista.

A Guarda-chuva representava a excessiva vontade de crescer, pois se fosse grande não seria repreendida pelas vontades que tinha, assim podia fazer tudo que estava fora da idade dela. Além do mais, a Guarda-chuva não queria ser apenas "bonitinha", mas ser útil também, a mesma coisa que a menina sentia, uma forma de inutilidade por ser uma menina, talvez se fosse menino poderia muita coisa, pois ser menina não lhe dava muitos direitos como tinham os garotos e parecia que não servia para nada. E por fim o Alfinete de fraldas representava a infinita vontade de escrever, a única que ela jamais abandonaria, pois através dela conseguiria lidar com

suas outras vontades e poderia mantê-las sob controle, se, de repente elas voltassem a crescer, o Alfinete as espetaria novamente.

A criatividade de Raquel ao imaginar todos os personagens tendo conflitos parecidos com os seus, a fez perceber por meio deles a lição que poderia ter recebido da família, porém ninguém lhe ensinava como compreender esses conflitos. Quando um amigo resolvia o problema que lhe atormentava, Raquel entendia uma vontade sua. E por incrível que pareça sua consciência ficava mais tranquila e aliviada. Enquanto isso, a menina não era só questionadora em casa, na presença dos amigos inventados ela também queria entender tudo, queria saber a vida de cada um, porque tinham problemas e como fariam para resolvê-los.

Portanto, podemos perceber que a própria menina, através da sua imaginação, conseguiu chegar a uma conclusão se atrelando aos problemas dos seus personagens imaginários. Pois, todos tinham vontades, assim como ela, e que pareciam ser impossíveis de serem realizadas. Porém, cada um de seus amigos imaginários conseguiram realizar suas vontades. A partir disto, Raquel passa a compreender que não precisava mudar, ou melhor, crescer para poder fazer o que queria. Contudo, depois das realizações das vontades dos "amigos", notou que poderia fazer tudo no seu tempo, ela só precisava esperar.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pela observação dos aspectos analisados, percebemos que a imaginação é fundamental na vida dos indivíduos. A criança em formação está exercendo o processo de desenvolvimento de suas capacidades e habilidades. Por isso, ela tenta resolver seus conflitos da melhor maneira possível, quando se sente sozinha em sua realidade dos desejos não realizados, busca através da imaginação uma forma de encontrar resposta aos problemas.

Esse processo de imaginação vai se dando ao longo de sua vivência, não importa o local: pode ser em casa, na escola, no parque ou na praia, como o romance sugere. Quando isso acontece percebemos que a criança usa tudo o que tem de real, ou seja, o que ela já tem conhecimento, a partir daí poderá criar suas fantasias, estas vão lhe encaminhar para a própria realidade.

Vale ressaltar que a literatura conduz o indivíduo a criar nova mentalidade, com isso seu grau de imaginação se torna elevado, pois a leitura é vista como um complemento para o desenvolvimento intelectual de qualquer ser em formação.

A criança, por sua vez, busca no mundo imaginário o que ela gostaria que existisse na sua realidade, porém nem sempre é correspondida. E por meio do ato de inventar, ela realiza

seus desejos que na vida real não acontecem, já que no mundo ilusório de fantasias tudo existe basta querer e fazer.

A literatura propõe, por meio da escrita, ao indivíduo expressar seus sentimentos, suas alegrias, dores, tristezas entre outras. Com ela, a pessoa pode superar suas vontades impossíveis e colocar no papel todo o sonho de aventuras com todas as realizações possíveis. Dessa forma compreendendo sua realidade por meio da imaginação e da escrita.

Portanto, na obra **A Bolsa Amarela,** podemos perceber uma visão crítica, acerca da realidade vivida por uma menina que tenta fazer parte do mundo dos adultos. Logo, é de suma importância que os adultos tentem compreender o mundo infantil, pois a infância é a fase que mais requer atenção e compreensão. Com isso, a protagonista vem representar esta fase pela busca da participação do seio familiar, ao passo que as crianças fazem de tudo para entender o mundo dos adultos, mesmo sendo difícil e complicado.

Foi possível transpor do universo ficcional de Lygia Bojunga representado no livro examinado, o papel central ocupado pela imaginação na subjetividade da criança, pois por meio do processo imaginativo a personagem Raquel pode superar seus conflitos mais fundos e criar uma realidade possível, um "outro jeito" de compreender e agir sem a intervenção autoritária do adulto.

REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston 1884-1962. **A poética do devaneio**; trad. Antônio de Pádua Danesi. - São Paulo: Martins Fontes, 1988.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo sexo:** a experiência vivida. v. 2, trad. Sérgio Milliet. 4 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BIOGRAFIA da autora Lygia Bojunga. Disponível em: <https://www.ebiografia.com/lygia_bojunga> acesso em 21.05.17

BOJUNGA, Nunes. **A bolsa amarela.** 32. ed. 2. impr. Rio de Janeiro: Agir, 1999.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil: teoria, análise, didática.** 7. ed. rev. São Paulo: Moderna, 2009.

GAMA-KHALIL, Marisa Martins. **Imagens insólitas de um crime em *Nós três***, de Lygia Bojunga. *Aletria* – Revista de Estudos de Literatura: Crimes Literários. Belo Horizonte, vol. 20, n. 3, p. 117-126, set-dez 2010.

GANCHO, Cândida Vilares, **Como Analisar Narrativas -** São Paulo, 2002.

GRAMÁTICA acerca das preposições pra e para. Disponível em: <https://duvidas.dicio.com.br/para-ou-pra> acesso em 27.05.17

LYGIA Bojunga. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2017. Disponível em: http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa19123/lygia-bojunga>. Acesso em: 20.07. 2017. Verbete da Enciclopédia.

SARTI, Cíntia Andersen. O feminismo brasileiro desde os anos 1970: revisitando uma trajetória. In: **Estudos Feministas**, Florianópolis, 12(2): 35-50, maio-agosto/2004. Disponível em: < http://www.scielo.br/pdf/ref/v12n2/23959.pdf>. Acesso em: 21.06.2017.

SOUZA PINTO, Ana Virgínia Gomes de. **A Brincadeira de Faz-de-conta e a Teoria da Mente: algumas reflexões.** Revista Anagrama: Revista Científica Interdisciplinar da Graduação Ano 4 - Edição 3 – Março-Maio de 2011. Disponível em: <revistas.univerciencia.org/index.php/anagrama/article/download/7479/6871>. Acesso em: 21 06.2017.

VYGOTSKY, L. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

ZILBERMAN, Regina, ROSING, Tânia M. K. **Escola e Literatura: velha crise, novas alternativas**. São Paulo: Global, 2009.